

Negros jamais aceitarão voltar à era pré-Obama, diz professor de Harvard

Oito anos após sua eleição gerar imenso entusiasmo entre americanos negros, Barack Obama deixa o cargo sem atender todas as expectativas do grupo, mas ainda assim deixará um legado duradouro para minorias raciais nos EUA, diz Ronald Sullivan, professor de direito na Universidade Harvard.

[\(BBC, 16/01/2017 - Acesse o site de origem\)](#)

Diretor do Centro de Justiça Criminal da universidade, Sullivan afirma que a passagem de Obama pela Casa Branca influenciará várias gerações de americanos, que crescerão sabendo que um negro pode chegar à Presidência.



Para Ronald Sullivan, Obama poderia 'ter dado mais perdões a condenações por tráfico de crack e cocaína, que advêm de um regime racista e desproporcional' / *DIVULGAÇÃO*

“Hoje há meninas e meninos com aspirações que jamais teriam antes”, ele diz à BBC Brasil.

Em 2008, Sullivan participou de um comitê que assessorou a campanha de Obama na área de justiça criminal e, após a vitória, foi conselheiro em sua equipe de transição.

Como professor e advogado, tornou-se um ardoroso defensor de uma reforma no sistema penal que reduza os níveis de negros presos. Hoje, segundo um levantamento do *The New York Times*, um entre cada seis negros adultos nos EUA foi morto ou está na prisão (boa parte das condenações são por tráfico).

Leia os principais trechos da entrevista.

BBC Brasil - A vitória de Obama em 2008 gerou muita esperança entre negros americanos. As expectativas foram alcançadas?

Ronald Sullivan - Acho que muitas delas foram e muitas outras, não. A presidência de Obama esteve à altura do entusiasmo extraordinário que levou à sua primeira eleição? Claramente não. Mas acho que algumas daquelas expectativas eram irrealistas. Apesar disso, o governo dele teve grandes avanços e melhorou de várias formas as vidas de afro-americanos no país.

BBC Brasil - Pode citar exemplos?

Sullivan - Por causa da crise, a taxa de afro-americanos desempregados havia dobrado no começo do primeiro mandato, até 2010, mas caiu tremendamente desde então, embora ainda seja maior que em qualquer outro grupo étnico.

Na área da justiça criminal, o Departamento de Justiça foi o mais ativo na defesa de direitos de minorias no que diz respeito à polícia e outras autoridades estaduais desde os anos 1960 e o movimento dos direitos civis.



Sullivan: 'Com o Obamacare, mais afro-americanos puderam receber seguro-saúde do que em qualquer governo anterior - e os seguros eram tanto acessíveis quanto abrangentes'/GETTY IMAGES

Com o Obamacare, mais afro-americanos puderam receber seguro-saúde do que em qualquer governo anterior - e os seguros eram tanto acessíveis quanto abrangentes.

Mas uma das maiores conquistas deste governo é a simbologia de haver um afro-americano no Salão Oval. Nos últimos oito anos, crianças cresceram sabendo que uma pessoa negra pode se tornar presidente. Isso faz uma diferença enorme. Hoje há algumas meninas e meninos com aspirações que jamais teriam antes.

Haverá gerações e gerações de pessoas de cor que não aceitarão que as estruturas as deixem para trás. Esse é um legado duradouro e impossível de ser exagerado.

BBC Brasil - Há áreas em que ele poderia ter feito mais quanto às relações raciais?

Sullivan - Ele certamente poderia ter feito mais na área da justiça criminal. Eu gostaria que ele tivesse dado mais perdões a condenações por tráfico de crack e cocaína, que advêm de um regime racista e desproporcional.

BBC Brasil - Como Obama lidou com o movimento Black Lives Matter e as dezenas de protestos motivados pela morte de negros desarmados em abordagens policiais?

Sullivan - Ele lidou de modo muito cuidadoso. Ele sempre afirmou que é o presidente de todas as pessoas, não só de algumas. Então ele tentou articular cada argumento com o argumento do outro lado.

Mas não concordei com a retórica dele que parecia sugerir que havia uma equivalência moral entre os argumentos legítimos do Black Lives Matter e argumentos de alguns sindicatos de policiais, que se diziam sob ataque. Não acho que haja equivalência moral entre os dois lados.

BBC Brasil - Alguns críticos dizem que ele demorou muito a falar mais abertamente sobre o tema racial e que algumas das suas principais políticas para melhorar a vida de minorias só foram adotadas no final do seu segundo mandato. São críticas válidas?

Sullivan - Não entendo a crítica de que ele levou muito tempo a falar de raça. Parece-me que ele falou disso desde sua candidatura, mas acho justo dizer que as políticas especificamente voltadas a afro-americanos vieram muito tarde.



Professor de Harvard diz que Obama respondeu 'com cuidado' a movimento

Black Lives Matter, 'dizendo que é o presidente de todas as pessoas, não só de algumas'/ *GETTY IMAGES*

O presidente tem uma filosofia geral de que marés altas levantam todos os barcos. Traduzindo, ele achava que se adotasse políticas que fossem úteis para pessoas na pobreza ou classe média, os afro-americanos nesses grupos seriam beneficiados. Não acho que isso deu tão certo assim na prática.

O ponto é que o presidente nunca evitou questões que impactam a comunidade afro-americana, mas teve uma abordagem particular, que ele acreditava ser politicamente palatável e pragmática, e tentou tirá-la do papel.

BBC Brasil - Em seu último discurso como president, em Chicago, Obama disse que os brancos precisam entender que os efeitos da escravidão ainda estão presentes, mas também disse que os negros devem tentar ver as coisas do ponto de vista de brancos que se sentem ameaçados por mudanças culturais e econômicas. É um pedido razoável?

Sullivan - Acho que nós temos que começar a exercer o que [o filósofo americano] Cornel West chamou de *we-talk* [conversa coletiva, em tradução livre]. Acho que temos de ser um país unido onde pessoas diversas não sejam vistas como forasteiras, mas como americanas. Temos que conversar uns com os outros e empatizar uns com os outros. Que o presidente tenha tentado transmitir isso em seu discurso em Chicago, eu acho louvável.

Por outro lado, achei inadequada a porção do discurso que pretendia sinalizar uma equivalência moral quanto aos danos sofridos pelos grupos [negros e brancos].

BBC Brasil - O apoio a Trump foi alimentado pelo ressentimento de muitos brancos em relação ao que chamam de politicamente correto - pessoas que, em resposta ao Black Lives Matter, gritam em protestos que All Lives Matter (todas as vidas importam) e que acusam ativistas negros de praticar racismo reverso. Como se chegou a este ponto de divisão?

Sullivan - Chegou-se a esse ponto porque muitos americanos da comunidade

majoritária [branca] sentem que este é o país deles. A reação veio quando minorias e pessoas de cor começaram a reivindicar os mesmos direitos que a comunidade majoritária usufrui todos os dias. A comunidade majoritária se acostumou ao usufruto dos benefícios deste país, enquanto as minorias tinham de carregar um fardo desproporcional.



Donald Trump assume Presidência dos EUA no dia 20 de janeiro, após 8 anos de governo Obama/*REUTERS*

Houve uma reação, e o presidente eleito Trump se aproveitou desse movimento. Estou confiante, porém, de que nunca voltaremos à América pré-Obama. Depois que minorias e comunidades de cor sentiram o gosto do Sonho Americano de uma forma que não haviam sentido antes, nunca mais baixarão a guarda.

O presidente eleito é enigmático, é difícil prever como ele será. A situação pode ficar mais conflituosa, pode piorar antes de melhorar, mas no longo prazo nossa democracia será melhor.

O artigo de Obama sobre feminismo, em 4 pontos principais

(Nexo, 04/08/2016) Presidente americano declara-se abertamente feminista e toma para si responsabilidade de combater desigualdade de gênero

A possibilidade de que uma mulher assumira a presidência dos Estados Unidos, sucedendo o primeiro negro a ter ocupado o posto, levou a questão de gênero para o centro do debate político nos Estados Unidos.

Além do apoio à candidata Hillary Clinton, sua colega do partido democrata, Barack Obama publicou no dia 4 de agosto um ensaio na revista “Glamour” em que se declara feminista e defende a importância da igualdade de gênero para construir uma sociedade feita de pessoas livres, com igual autonomia sobre suas vidas. “É importante que o pai delas [de suas filhas] seja feminista porque agora é o que elas esperam de todos os homens”, diz.

A corrida presidencial que se desenrola desde o início de 2016 tem trazido à tona o viés de gênero, seja através da cobertura midiática ou em declarações dos próprios candidatos, graças à presença de Hillary Clinton no páreo. Com a definição do embate entre Clinton e Donald Trump, esse viés ficou mais acirrado.

“Duzentos e quarenta anos depois da fundação da nossa nação, e quase um século depois de as mulheres terem finalmente conquistado o direito ao voto, pela primeira vez, uma mulher é candidata presidencial nomeada por um partido grande. Não importa qual seja sua preferência política, esse é um momento histórico para os Estados Unidos. E é só mais um exemplo de quão longe as mulheres chegaram nessa longa jornada rumo à igualdade”

Barack Obama

Em ensaio escrito para a revista “Glamour”

O presidente americano não foi o primeiro a se pronunciar sobre a necessidade de combater a desigualdade de gênero. Quando perguntado sobre a paridade entre homens e mulheres em seus ministérios o primeiro-ministro do Canadá, Justin Trudeau, respondeu “Porque estamos em 2015”.

Trudeau já havia se declarado feminista em sua conta no Twitter e disse que continuaria a se posicionar dessa forma até que a declaração não causasse estardalhaço.

Mundialmente, as mulheres têm se manifestado pela igualdade na vida pública e privada: denunciando abusos e lutando para ter os mesmos salários, direitos, e por receber um tratamento que não seja enviesado pelo gênero.

O feminismo de Obama em 4 pontos de seu artigo:

1 VIVEMOS UMA ÉPOCA EXTRAORDINÁRIA PARA SER MULHER

“Uma coisa que me deixa otimista por elas [as filhas] é que este é um momento extraordinário para se ser mulher. O progresso que fizemos nos últimos 100, 50 anos e, sim, mesmo nos últimos oito anos, tornou a vida significativamente melhor para as minhas filhas do que foi para as minhas avós. E digo isso não só como presidente, mas como feminista.”

2. AS PESSOAS MAIS IMPORTANTES DE SUA VIDA FORAM MULHERES

“As pessoas mais importantes da minha vida sempre foram mulheres. Fui criado por uma mãe solteira, que passou boa parte de sua carreira trabalhando para empoderar mulheres em países em desenvolvimento. Assisti minha avó, que ajudou a me criar, crescer na hierarquia de um banco, apenas para perceber que não poderia subir mais. Vi como Michelle teve que equilibrar as demandas de uma carreira agitada e da família.”

3. PRECISAMOS MUDAR A MANEIRA DESIGUAL DE CRIAR MENINOS E MENINAS

“Precisamos continuar mudando a atitude que cria nossas meninas para

serem recatadas e nossos meninos para serem assertivos, que critica nossas filhas por se expressarem e nossos filhos por derramarem uma lágrima. Precisamos continuar mudando a atitude que pune as mulheres por sua sexualidade e recompensa os homens pela deles.”

4. COMBATER O MACHISMO TAMBÉM É RESPONSABILIDADE DOS HOMENS

“Os homens têm total responsabilidade de lutar contra o sexismo também. E como maridos, parceiros e namorados, precisamos trabalhar duro e de forma deliberada para criar relacionamentos em que haja, verdadeiramente, igualdade.”

Juliana Domingos de Lima

Acesse no site de origem: [O artigo de Obama sobre feminismo, em 4 pontos principais \(Nexo, 04/08/2016\)](#)

Obama entra na discussão racial do Oscar: “Oportunidade justa?”

(Correio Braziliense, 28/01/2016) O presidente norte-americano afirma que o debate é, na realidade, uma expressão desta questão mais ampla

O presidente americano, Barack Obama, comentou nesta quarta-feira (27/1) a polêmica sobre as indicações ao Oscar, sem atores negros, e considerou que o debate faz parte de uma questão mais ampla, com a qual o país está lidando.

“Acredito que, quando se conta a história de todo mundo, então, isso faz que haja uma arte melhor”, disse Obama à uma filial da ABC. “Isso colabora com

um entretenimento melhor, faz que todos se sintam parte de uma única família americana”, completou.

“Acho que, em geral, a indústria deve fazer o que qualquer outra indústria deve fazer, que é buscar talentos, oferecer oportunidades a todo mundo... E acho que o debate do Oscar é, na realidade, uma expressão desta questão mais ampla”, avaliou. “Estamos garantindo que todos tenham uma oportunidade justa?”, questionou.

Pelo segundo ano consecutivo, a ausência de atores, atrizes e diretores negros às indicações na disputa pela estatueta dourada levou o conselho da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas a aprovar, esta semana, o aumento até 2020 do número de mulheres e de representantes de minorias que integram a instituição.

Acesse no site de origem: [Obama entra na discussão racial do Oscar: “Oportunidade justa?” \(Correio Braziliense, 28/01/2016\)](#)

Obama diz que não há mais espaço para tradições que oprimem a mulher

(G1/Mundo, 26/07/2015) No Quênia, Obama pediu o fim das violações dos direitos da mulher. ‘São tradições que precisam mudar’, disse o presidente dos EUA

O presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, afirmou neste domingo (26) que no século XXI “não há espaço” para aquelas tradições que, em muitas partes do mundo, seguem “oprimindo” e considerando as mulheres

“cidadãos de segunda classe”.

Em discurso dado em um pavilhão esportivo de Nairóbi, Obama pediu o fim das práticas que violam os direitos da mulher no mundo todo. “Ao redor do mundo, há uma tradição de oprimir às mulheres. Não há espaço para isto no século XXI”, criticou.

As violações dos direitos das mulheres, com práticas tão abusivas como a mutilação genital ou os abusos, estão muito estendidas no Quênia e vários países africanos, onde Obama acredita ser necessário lutar pela igualdade de gênero.

“Maridos batendo nas mulheres, crianças que não vão à escola, casamentos forçados... são tradições. Considerar as mulheres cidadãos de segunda classe. São tradições que precisam mudar”, reforçou.

Segundo o presidente americano, as estatísticas refletem que as comunidades que dão as mesmas oportunidades a suas filhas são mais bem-sucedidas. “As mulheres instruídas tem mais probabilidades de educar filhas instruídas”, ressaltou Obama, conhecedor das tradições e da situação da mulher no Quênia, onde nasceu seu pai.

“Cada país e cada cultura tem tradições que são únicas, mas só por ser algo do passado não significa que seja certo”, ponderou.

O presidente dos Estados Unidos se referiu, neste sentido, ao debate provocado em seu país sobre a bandeira confederada, adotada pelos Estados do sul para defender a escravidão.

“Cada vez mais americanos se dão conta que essa bandeira deveria desaparecer, embora seja uma tradição”, ilustrou.

Obama conclui hoje sua primeira visita como presidente ao Quênia, para onde viajou em um par de ocasiões, após ter pedido mais investimentos na África e ter fechado acordos em matéria de segurança e cooperação com o presidente queniano, Uhuru Kenyatta.

O presidente americano viajará nesta tarde à Etiópia, país no qual pisará pela

primeira vez, antes de finalizar um visita que lhe levou pela quarta vez à África desde que chegou ao poder.

Corrupção

O presidente dos Estados Unidos também estimulou os africanos neste domingo a rebelar-se contra “o câncer da corrupção” para ultrapassar um obstáculo que impediu o desenvolvimento do continente.

“Na África há muitos países que sofrem este problema, e se tolera porque sempre esteve por aí”, disse Obama em discurso pronunciado em um abarrotado ginásio poliesportivo de Nairóbi.

Segundo o presidente americano, “será preciso tomar decisões difíceis, mas o progresso requer que se enfrente os cantos mais obscuros do passado”, razão pela qual líderes políticos, sociedade civil e cidadãos deverão trabalhar juntos para reverter esta situação.

A luta contra a corrupção só será efetiva se houver “leis duras”, mas também “um povo que se levante e diga basta”, ressaltou.

Apesar dos evidentes problemas que padece este país por causa da corrupção, Obama louvou o governo queniano por suas iniciativas para combatê-la, como o recente relatório no qual apontava políticos de alto escalão que tinham casos pendentes de investigação.

Acesse no site de origem: [Obama diz que não há mais espaço para tradições que oprimem a mulher \(G1/Mundo, 26/07/2015\)](#)

A questão racial e o sonho da igualdade na era Obama

(CartaCapital, 16/07/2015) Diante de escalada de tensões raciais, presidente dos EUA é obrigado a se manifestar sobre antigo problema do

país

Uma democracia multirracial onde as pessoas são julgadas pelo caráter, e não pela cor da pele - este era o sonho do movimento dos direitos civis nos Estados Unidos. Quando Barack Obama foi eleito presidente, em 2008, muitos americanos ficaram extasiados. O sonho havia se tornado realidade?

Conforme o presidente se aproxima do final do seu mandato de oito anos, o país está acordando. Mais de 60% dos americanos - negros e brancos - acreditam que, em geral, as relações entre raças são ruins, de acordo com uma recente pesquisa de opinião encomendada pela rede CBS e pelo jornal *TheNew York Times*.

Recentes mortes de afro-americanos desarmados por policiais provocaram uma onda de agitação social. Manifestantes pacíficos tomaram as ruas com o grito de ordem "vidas negras importam!". As tensões escalaram em protestos e confrontos contra uma força policial que muitas vezes mais parece uma organização militar.

Nesta terça-feira (14/07), Obama falou à Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor (NAACP, na sigla em inglês) pela segunda vez desde que assumiu a Presidência. Ele propôs reformas no sistema judicial americano, como reduzir longas sentenças obrigatórias (em que os juízes são obrigados por lei a estipular uma pena mínima) para crimes não violentos, as quais afetam desproporcionalmente os negros.

Mas muitos afro-americanos acreditam que o presidente tem respondido vagarosamente a pedidos de reformas e que ele não tem ido longe e rápido o suficiente.

"O presidente só lidou com o tema das questões raciais quando foi absolutamente obrigado a fazê-lo", afirma Ronnie Dunn, professor de estudos urbanos na Universidade Estadual de Cleveland. "Houve uma relutância para responder de maneira franca a essas questões."

Políticas de respeitabilidade

Harold McDougall, professor de direito na Universidade de Howard, em

Washington, acredita que a relutância de Obama em se expressar sobre raça tem relação com a chamada “política de respeitabilidade”, uma filosofia sobre o método de inclusão dos afro-americanos que prevalece há várias gerações. Essa filosofia estipula que os afro-americanos têm que alterar seu comportamento e sua cultura para que finalmente consigam ser aceitos pelo *mainstream* branco.

Durante a campanha de 2008, o então senador Obama foi obrigado a se desfiliar da Igreja Unida da Trindade de Cristo, em Chicago, após ser pressionado publicamente. Na ocasião, o reverendo Jeremiah Wright, que liderava a igreja e foi o responsável por batizar os filhos de Obama, havia feito uma série de comentários controversos sobre as relações raciais, o cenário político americano e a política exterior do país.

“Parece-me um cenário em que as políticas de respeitabilidade foram responsáveis por sua eleição”, diz McDougall. “Foi isso que o guiou através do seu primeiro mandato e a metade do segundo.”

“Realmente não há limite sobre o quanto você tem que se submeter a outras pessoas para conseguir ser aceito quando as condições são impostas por essas pessoas em vez de por você mesmo”, afirma.

Mudança de tom

Tanto McDougall quanto Dunn concordam que o presidente se tornou mais ousado quanto às questões que envolvem justiça racial somente nos últimos tempos. Ele não está mais concorrendo à reeleição, e acontecimentos como os de Ferguson, no estado do Missouri, e de Baltimore criaram um novo senso de urgência. “É como se ele estivesse bem mais liberdade para discutir esses assuntos”, diz Dunn.

Na sequência dos confrontos em Ferguson, no último verão, Obama montou uma força-tarefa para implementar uma reforma na polícia. A força-tarefa pediu um basta para a mentalidade “guerreira” que prevalece em muitos departamentos de polícia no país. Em vez disso, a ideia é que a polícia aborde e coopere com as comunidades para desescalar conflitos.

O Departamento de Justiça também iniciou inquéritos federais contra os

departamentos de polícia de Ferguson, Cleveland e Baltimore e divulgou relatórios arrasadores sobre as duas primeiras cidades.

“A atmosfera gerada por esses acontecimentos com certeza fez com que todo mundo - e não só a comunidade afro-americana - ficasse mais propenso a falar sobre esses assuntos”, afirma McDougall.

Era pós-racial não existe

As tensões raciais têm estado em alta nos Estados Unidos nos últimos meses. Então, em junho, um supremacista branco de 21 anos entrou numa histórica igreja negra em Charleston, na Carolina do Sul, abriu fogo e matou nove fiéis.

“Até mesmo os brancos ficaram horrorizados”, diz McDougall. “Não era para ser assim. Não existem Estados Unidos pós-raciais.”

Dias após o massacre na igreja, Obama concedeu, em Los Angeles, uma entrevista para o comediante Marc Maron. Ele falou sobre o massacre sobretudo em termos da necessidade de maior controle sobre armas de fogo. Mas ao longo da entrevista, o presidente falou sobre a questão racial de uma maneira tão franca que surpreendeu alguns ouvintes.

“Não é só uma questão de se é educado falar *nigger* [preto] em público”, disse Obama. “Isso não é um parâmetro para determinar se o racismo ainda existe ou não.”

Quando o presidente fez esses comentários, a bandeira Confederada ainda estava tremulando na área do capitólio de Columbia, capital da Carolina do Sul. Mas na semana passada, o estado votou pela remoção da bandeira sob a qual os soldados sulistas lutaram para preservar a escravidão durante a guerra civil americana.

“Só agora estamos retirando a bandeira confederada. De um ponto de vista metafórico, é como se ainda estivéssemos lutando na guerra civil”, aponta Dunn.

Acesse no site de origem: [A questão racial e o sonho da igualdade na era](#)

[Obama \(CartaCapital, 16/07/2015\)](#)

Suprema Corte dos EUA aprova o casamento homoafetivo nacionalmente

(G1, 26/06/2015) Estados não poderão mais banir o casamento entre homossexuais. Presidente Obama celebrou a decisão.

A Suprema Corte americana votou nesta sexta-feira (26) a aprovação do direito de casais do mesmo sexo se casarem pela Constituição, uma vitória para o movimento pelos direitos homossexuais no país.

Leia mais: [Em decisão histórica, Estados Unidos legalizam casamento gay \(Folha de S. Paulo, 26/06/2015\)](#)



Ativista Carlos McKnight levanta bandeira do movimento GLBT em frente à Suprema Corte em Washington, nesta sexta (26), após a aprovação do casamento entre homossexuais em todo o país (Foto: Jacquelyn Martin/AP)

A Corte aprovou por cinco votos a quatro a garantia do matrimônio pela Constituição, o que significa que os estados não podem mais barrar os casamentos entre homossexuais. Com a votação, o casamento será legalizado em todos os 50 estados.

O presidente americano, Barack Obama, disse no Twitter que a aprovação é um grande passo para a igualdade de direitos. “Casais de gays e lésbicas têm agora o direito de se casar, como todas as outras pessoas. #Oamorvence”, disse o presidente. Ele fará um pronunciamento em breve sobre a decisão.

A pré-candidata democrata à presidência dos EUA, Hillary Clinton, também comemorou a decisão em seu perfil na rede social.



Defensores do casamento gay comemoram em frente à Suprema Corte em Washington, nos EUA, após aprovação do casamento de casais do mesmo sexo pela constituição. Com o resultado o casamento será legalizado em todos os 50 estados (Foto: Joshua Roberts/Reuters)



Defensores do casamento gay comemoram em frente à Suprema Corte em Washington, nos EUA, após aprovação do casamento de casais do mesmo sexo pela constituição. Com o resultado o casamento será legalizado em todos os 50 estados (Foto: Jim Bourg/Reuters)



Barack Obama @BarackObama · 4s

"For all our differences, we are one people —stronger together than we could ever be alone." —President Obama #LoveWins 🏳️‍🌈

← ↻ 1.4K ★ 1.3K ⋮



Barack Obama @BarackObama · 1m

"When all Americans are treated as equal, we are all more free." —President Obama #LoveWins 🏳️‍🌈

← ↻ 2.3K ★ 2K ⋮



Barack Obama @BarackObama · 3m

"This ruling is a victory for America." —President Obama #LoveWins 🏳️‍🌈

← ↻ 1.9K ★ 2.1K ⋮



Barack Obama @BarackObama · 4m

"All people should be treated equally, regardless of who they are or who they love." —President Obama #LoveWins 🏳️‍🌈

← ↻ 4.9K ★ 3.7K ⋮



Barack Obama @BarackObama · 5m

"This morning the Supreme Court recognized the Constitution guarantees marriage equality." —President Obama #LoveWins 🏳️‍🌈

Twitter do presidente dos EUA, Barack Obama, sobre casamento homossexual (Foto: Reprodução)

Acesse no site de origem: [Suprema Corte dos EUA aprova o casamento homoafetivo nacionalmente \(G1, 26/06/2015\)](#)

Estados Unidos não estão curados do racismo, afirma Obama

(Agência Brasil, 22/06/2015) O presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, advertiu sobre a sombra da segregação que ainda paira sobre a sociedade norte-americana. Em entrevista divulgada hoje (22), ele disse que o país ainda não conseguiu superar a questão do racismo.

Leia mais:

[*A vasta sombra da escravidão, por Paul Krugman \(O Globo, 23/06/2015\)*](#)

[*Racismo sem fronteiras, por Morris Dess e J. Richard Cohen \(O Globo, 23/06/2015\)*](#)

[*Após mortes nos EUA, líderes pedem fim de símbolo racista \(Folha de S. Paulo, 23/06/2015\)*](#)

[*Charleston ainda carrega as marcas da escravidão \(Folha de S. Paulo, 19/06/2015\)*](#)

[*ONU condena assassinatos nos EUA por motivos racistas: 'ato odioso de violência' \(ONU Brasil, 19/06/2015\)*](#)

[*Atirador mata nove em igreja afro-americana nos Estados Unidos \(El País, 18/06/2015\)*](#)

“Não estamos curados do racismo”, afirmou Obama, em entrevista ao programa de rádio *WTF with Marc Maron*, transmitida hoje, dias depois do ataque a tiros a uma igreja frequentada por uma comunidade negra em Charleston, no estado da Carolina do Sul.

O autor confesso do ataque, um jovem branco de 21 anos, identificado como Dylann Roof, matou nove pessoas aparentemente por motivos raciais.

“Não é só uma questão de não dizer a palavra ‘negro’ em público porque é falta de educação. Não é isso que determina se existe ou não

racismo”, disse Obama. “Não é só uma questão de discriminação patente. As sociedades não apagam por completo, de um dia para o outro, o que se passou 200 ou 300 anos antes. O legado da escravidão e a discriminação em quase todas as instituições das nossas vidas têm impacto duradouro e continuam a fazer parte do nosso DNA”, acrescentou o presidente.

Tal como afirmou nas primeiras declarações públicas após o tiroteio em Charleston, Obama voltou a insistir, na entrevista ao comediante Marc Maron, que é possível atuar sobre essas matérias, defendendo medidas “de bom senso” para o controle das armas nos Estados Unidos, para que tragédias deste tipo sejam “menos prováveis”.

Detido horas depois do ataque, na quarta-feira (17) à noite, Dylann Roof foi formalmente acusado de nove crimes de homicídio e pode ser condenado à pena de morte. Ele confessou a autoria do crime, que aparentemente cometeu para iniciar uma “guerra racial”.

No tiroteio, morreram nove pessoas: três homens e seis mulheres. Entre as vítimas estava o pastor Clementa Pinckney, uma figura importante da comunidade negra local e representante democrata no Senado do estado.

Acesse no site de origem: [Estados Unidos não estão curados do racismo, afirma Obama \(Agência Brasil, 22/06/2015\)](#)

Pedido de Obama para eliminar restrição à doação de sangue por gays reforça debate no Brasil

(O Globo, 19/05/2015) Grupos criticam critérios que proíbem homossexual em relação estável de doar

Bancos de sangue brasileiros chegam a armazenar milhões de bolsas por ano. Com elas, guardam uma controvérsia: restrições a doadores considerados “inaptos”. Entre eles, estão homens que tiveram relações sexuais recentes com outros homens, pessoas com parceiros ocasionais e quem já tenha usado drogas injetáveis ilícitas, ainda que no passado. Críticas de ativistas e de candidatos a doação recusados voltam a circular com a emergência do assunto em outros países. Nos Estados Unidos, o governo do presidente Barack Obama recomendou, na semana passada, o fim do veto vitalício para homens gays e bissexuais vigente no país. Por sua vez, o Tribunal de Justiça da União Europeia, no mês passado, entendeu que os países do bloco podem impedir que homossexuais doem sangue.

Para os que reprovam as atuais regras brasileiras, as condições impostas aos doadores aumentam o estigma sobre grupos já marginalizados. Entre as principais razões citadas por médicos para as restrições está a preocupação em reduzir, ao máximo, os riscos àqueles que receberão transfusões. Segundo o Boletim Epidemiológico HIV/Aids de 2014, publicado pelo Ministério da Saúde, a taxa de prevalência de HIV entre homens que fazem sexo com homens é de 10,5%; entre usuários de drogas, de 5,9%; e entre mulheres profissionais do sexo, de 4,9%. Na população brasileira em geral, a taxa é notadamente mais baixa, de 0,4%.

A JANELA IMUNOLÓGICA

Todo sangue doado passa por exames para identificação das hepatites B e C, doença de Chagas, sífilis, HTLV e Aids. Um dos argumentos para limitar determinados grupos de doar é a chamada janela imunológica, o intervalo de tempo que o organismo demora para fabricar anticorpos contra o HIV, permitindo a identificação do contágio em exame. Segundo o Ministério da Saúde, o período pode variar de acordo com o tipo de teste, mas, na maioria dos casos, é constatado de 30 a 60 dias após a exposição ao vírus. Se um teste de HIV é feito durante o período da janela imunológica, há a possibilidade de apresentar um falso resultado negativo.

Críticos das regras, porém, questionam o fato de outros critérios, como uso de preservativos e realização de exames periódicos, não serem levados em conta.

— Ser homossexual não significa ter uma doença. Além de frustrado, me senti discriminado — desabafa o empresário Marcos Passos, de 32 anos, ao lembrar o dia em que ouviu de um médico que não poderia doar sangue por ter tido relações sexuais com outro homem nos 12 meses anteriores. — Expliquei que estava em um relacionamento estável havia três anos. Ele ficou sem graça e disse que eram “ordens de cima”. Acho essa regra uma grande besteira, ela deveria ser revista.

Welton Trindade, diretor do Estruturação — Grupo LGBT de Brasília, faz coro:

— O direito à doação para gays e travestis é uma de nossas grandes bandeiras. Queremos igualdade, não privilégios. Se um gay fala que tem parceiro estável, por que não pode doar? Somos contra regras que categorizam as pessoas — critica Welton Trindade. O Estruturação conduziu por anos a campanha “Mesmo sangue. Mesmo direito”.

As regras a que o profissional de saúde que atendeu Passos em um hemocentro do Centro do Rio se referia estão estabelecidas numa portaria do Ministério da Saúde de junho de 2011. O documento determina que a orientação sexual não deve ser usada como critério para seleção de doadores de sangue, por não “constituir risco em si própria”. Afirma ainda que técnicos de unidades de saúde devem evitar manifestar preconceito por orientação sexual, identidade de gênero ou hábitos de vida. Mais à frente, contudo, o documento esclarece que são considerados “inaptos temporários” homens que, no último ano, tiveram relações sexuais com outros homens, pessoas que possuam histórico de encarceramento, que tenham feito sexo em troca de dinheiro ou com um ou mais parceiros ocasionais.

A jornalista X., de 25 anos, estava nesse último grupo quando foi recusada como doadora, também em um hemocentro carioca, há dois anos. Pelo médico, soube que o fator decisivo foi ter escrito “quatro”, em resposta à pergunta “Teve quantos (as) parceiros (as) sexuais de um ano para cá?” no formulário de triagem.

— Tentei argumentar, afirmando que usava preservativo e fazia exames regularmente, mas ele me disse que eu estava em um grupo de risco por ter

excedido um certo número de parceiros — conta a jovem, que atualmente está namorando e prefere não ser identificada. — Acho que isso é preconceito e discriminação. Vemos tantas cadeiras de doação vazias ali e gente sem poder doar. Criam problema e estigma onde não existe. Espero que, em algum momento, isso mude.

Entre as questões presentes em formulários de hemocentros que tratam dos hábitos sexuais dos possíveis doadores, há perguntas como “Frequenta termas, casas de massagem?”, “Já recebeu dinheiro ou outro tipo de pagamento para fazer sexo com alguém?”, “Teve relação sexual com homem que já tenha feito sexo com outro homem?”.

Chefe do Serviço de Hemoterapia do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho, ligado à UFRJ, Carmen Nogueira, assegura que, quando se trata de normas para doação de sangue, o principal ponto é diminuir riscos para os receptores.

— O viés não é de preconceito. Tanto que não fazemos seleção por orientação sexual. Não é porque alguém é homossexual que não pode doar. É porque tem maior ou menor chance de ter sido exposto a um agente infeccioso — afirma, citando a janela imunológica. — Ao selecionar o doador, estamos buscando sangue de baixo risco de transmissão de qualquer patologia viral ou bacteriana. Procuramos os doadores com menor risco possível. Os exames que testam o sangue evoluem, mas não temos 100% de certeza de todas as coisas.

Em nota, o Ministério da Saúde reitera que as medidas adotadas têm como objetivo a qualidade do sangue doado. “O sangue é sempre retirado de uma pessoa para ser infundido numa outra que está numa situação bastante vulnerável, de bastante necessidade”, completa a pasta, acrescentando que, atualmente, existem 32 hemocentros coordenadores e 530 serviços de unidades coleta, hemocentros regionais e núcleos de hemoterapia no país. Por meio do Sistema Único de Saúde, foram doadas 3,4 milhões de bolsas de sangue no ano passado, quase o dobro número de 2013. Segundo relatos de médicos, porém, hemocentros brasileiros operam no limite.

Para o antropólogo Luiz Henrique Passador, professor da Universidade

Federal de São Paulo (Unifesp), há “componente moral” nas regras dos procedimentos hemoterápicos.

— A portaria adota a ideia de que não deve haver discriminação, mas não interfere na raiz do que faz com que ela exista. Um heterossexual que tenha parceiros ocasionais se equipara a um homem homossexual, mas um homem homossexual que tenha parceiro estável continua sendo descartado. Consciente ou inconscientemente, a regra acaba ajudando a reproduzir a ideia de que a monogamia protege as pessoas da epidemia, pensamento que não se mostrou real e que resultou em um aumento da infecção entre mulheres casadas — avalia o especialista em estudos de gênero e sexualidade, DST, HIV e Aids.

Já Alexandre Barbosa, professor de infectologia da Faculdade de Medicina Unesp em Botucatu (SP), é taxativo ao dizer que “pior que não ter sangue é ter sangue contaminado”:

— Num banco de sangue, você está tentando salvar vidas, não pode dar mais um problema para a pessoa. Por isso, trabalhamos com excesso de zelo.

Ele concorda, porém, que a regra que exclui homens gays com parceiros fixos pode ser “estigmatizante”.

Dandara Tinoco

Acesse o PDF: [Pedido de Obama para eliminar restrição à doação de sangue por gays reforça debate no Brasil \(O Globo, 19/05/2015\)](#)

Obama pede fim de ‘cura gay’ após petição motivada por

suicídio de jovem transgênero

(BBC Brasil, 09/04/2015) O presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, condenou publicamente terapias psiquiátricas criadas para “curar” jovens gays, lésbicas e transgêneros.

A declaração de Obama foi uma resposta a uma petição on-line que pede a proibição destas chamadas terapias de conversão. Em apenas três meses o abaixo-assinado conseguiu 120 mil assinaturas.

A mobilização foi inspirada pelo caso de Leelah Alcorn, uma adolescente transgênero de 17 anos que cometeu suicídio em dezembro.

Em uma carta postada no Tumblr, Alcorn, nascido homem, afirmou que se matou depois de anos de dificuldades com os pais, cristãos rigorosos que se recusavam a aceitar a identidade que ela acreditava ter, feminina.

“A única forma de descansar em paz é se, um dia, pessoas transgênero não forem tratadas como eu fui... Minha morte precisa significar algo. Consertem a sociedade. Por favor”, escreveu a jovem.

Em resposta à petição, Valerie Jarrett, assessora de Obama, escreveu: “Compartilhamos nossa preocupação a respeito dos efeitos potencialmente devastadores nas vidas de jovens transgêneros e também de gays, lésbicas, bissexuais e homossexuais”.

“Como parte da dedicação à proteção da juventude dos Estados Unidos, este governo apoia os esforços para proibir o uso da terapia de conversão para menores”, acrescentou.

‘Peso da Casa Branca’



‘A única forma de descansar em paz é se, um dia, pessoas transgênero não forem tratadas como eu fui...’, escreveu Leelah Alcorn antes de cometer suicídio (Foto: Cortesia de Abigail Jones)

Com a declaração, a Casa Branca não está pedindo de forma explícita que o Congresso americano aprove uma legislação proibindo estas terapias em todo o país. Mas Mara Keisling, diretora-executiva do Centro Nacional para a Igualdade de Transgêneros, elogiou o comunicado.

“Ter o presidente Obama e o peso da Casa Branca por trás dos esforços para proibir a terapia de conversão é crucial na luta pelos jovens transgêneros e LGBT”, afirmou.

A terapia de conversão conta com forte apoio de grupos conservadores e religiosos nos Estados Unidos. Aconselhamento e orações são usados frequentemente nestas terapias para ajudar cristãos a lidarem com seus desejos, quando eles procuram este tipo de tratamento.

David Pickup, terapeuta especializado em terapia de conversão, que trabalha nos Estados da Califórnia e Texas, disse ao jornal New York Times que menores não deveriam ser forçados à terapia mas que o desejo homossexual muitas vezes está ligado a algum sério trauma emocional ou abuso sexual.

“Acreditamos que a mudança ainda é possível”, disse ele. “As pessoas vão à

terapia pois elas podem mudar, porque realmente funciona. Ajudamos as pessoas a se tornarem, realmente, elas mesmas”.

Mas, grupos de ativistas que defendem os direitos de homossexuais e LGBT e também grupos de profissionais de saúde afirmam que estas terapias de conversão podem aumentar o risco de depressão ou suicídio.

Os Estados da Califórnia e Nova Jersey já proibiram esta prática. Estados mais conservadores, entretanto, como Oklahoma, analisam legislações para proteger essas terapias de possíveis vetos ou proibições federais.

Acesse no site de origem: [Obama pede fim de 'cura gay' após petição motivada por suicídio de jovem transgênero \(BBC Brasil, 09/04/2015\)](#)

Obama e Katy Perry se unem no Grammy contra violência doméstica

(AFP, 09/02/2015) O presidente dos Estados Unidos e a cantora pop americana, Katy Perry, se uniram na noite deste domingo, dia 08, em uma campanha pelo fim da violência doméstica, durante a festa de premiação do Grammy, evento que consagra artistas da música norte-americana. Ao fim do espetáculo realizado no ginásio Staples Center de Los Angeles, Obama apareceu inesperadamente em uma mensagem gravada e transmitida em um telão em cima do palco. Sua mensagem: convocar os telespectadores a erguer sua voz contra a violência de gênero.

Acesse a íntegra no Portal Compromisso e Atitude: [Obama e Katy Perry se unem no Grammy contra violência doméstica \(AFP, 09/02/2015\)](#)